

## ARIOSTO E TASSO HISTÓRIA E FANTASIA

*José Acúrcio Barroso Filho*

Professor Assistente do Departamento  
de Letras Estrangeiras do Centro de  
Humanidades da UFC.

Há entre o nascimento de Ludovico Ariosto e Torquato Tasso uma diferença de 70 (setenta) anos, porquanto o primeiro nasceu em 1474 e o segundo em 1544. É importante, no entanto, ressaltar, que as épocas em que vieram os dois são completamente diversas uma da outra. A primeira metade do século caracteriza-se por um grande esplendor artístico e literário, enquanto a segunda metade expressa nitidamente a decadência renascentista italiana. Este ambiente histórico diversificado, como pretendemos mostrar, influenciará profundamente a vida e a obra dos dois poetas.

Orlando Furioso de Ariosto é a expressão maior do renascimento, ou seja, de uma civilização que atingira o seu amadurecimento. É a obra-prima dos poemas cavaleirescos até então não produzida. Ariosto toma a matéria da tradição medieval, mas não vê o mundo como uma realidade e, sim, como uma fábula, belíssima fábula representando sentimentos e paixões, vividos, realmente, pelos homens: o amor à Pátria e à Religião, à devoção ao senhor, o sentimento da honra, a generosidade cavaleiresca, o culto da palavra,

enfim, o Amor. O clima épico cede, para surgir a fantasia, a criatividade, a inspiração lírica que tornou o *Furioso* a lírica mais bela do renascimento italiano.

O argumento principal do poema está nestas três ações:

- As guerras de Carlos Magno com Agramante;
- A paixão de Orlando por Angélica;
- A loucura de Orlando, donde se extrai o título da obra: Orlando Furioso.

A serenidade e o equilíbrio, e, disto, a independência espiritual de Ariosto, apresentam-se, visivelmente, no modo de entrelaçar os inumeráveis episódios que compõem a trama complicadíssima do poema.

A história do poema cavaleiresco italiano termina, no entanto, com a *Gerusalemme Liberata*, de Torquato Tasso, publicado na época em que os turcos amedrontavam o Ocidente e ameaçavam a própria existência do cristianismo.

Tasso já havia anunciado que, para o seu poema épico, o argumento deveria ser extraído da história ou, mais precisamente, da história da religião, tida como verdadeira pelo poeta.

O tema central é a Primeira Cruzada, nos três ou quatro meses que precederam o ataque definitivo à cidade, e a batalha de "Ascolana", onde surgiu a vitória final em agosto do ano de 1099. Diga-se, no entanto, que o tema da Primeira Cruzada seduziu o poeta, não por sua religiosidade, mas por sua historicidade. O ataque imaginário de Paris tornava-se o ataque histórico de Jerusalém. E através da história, com a fé e a seriedade que transmite ao acontecimento histórico, ele podia extrair, no seu esplendor, na sua grandeza, "l'aspra tragedia dello stato umano".

A fidelidade histórica do poema de Tasso poderia ser comprovada com as palavras de Chateaubriand:

"Eu saí de Jerusalém... com o propósito de examinar os campos de batalha imortalizados por Tasso. Chegando ao

norte da cidade, abri a "Gerusalemme" e fui imediatamente tomado pela verdade e pela perfeita correspondência. Nada de mais nítido, de mais preciso do que a descrição de Tasso; se tivesse sido feita nos lugares não teria ele conseguido fazer mais exata."

Neste mundo histórico, Tasso injeta, com a sua alma lírica e idílica, toda a força do seu sentimento, embora este sentimento seja mais sincero e profundo, lembrando o mundo cavaleiresco, que quando exalta as vitórias da religião.

Examinemos, todavia, mais detalhadamente, a problemática filosófica do século XVI, para podermos admitir que o ambiente histórico em que viveram os dois poetas influenciou-lhes, profundamente, a vida e a obra.

Pode-se afirmar que o "Cinquecento" recolheu os frutos da longa e laboriosa vigília humanística e os conduziu a um esplêndido amadurecimento. Com isto, o profundo e refinado gosto artístico, o sentido fortíssimo da dignidade e da potência criadora do homem e a exigência de uma norma de decoro de vida e de uma alta estilização literária alcançam a sua perfeição e até, em um determinado sentido o seu esvaziamento.

No admirável florescer da poesia, da arte e do pensamento do século XVI, na Itália, que ofereceu com Ariosto e Tasso, Raffaello e Michelangelo, uma série de mestres e de modelos à renascente cultura européia, está escondido um princípio de decadentismo. Decadentismo não da arte e da poesia em si, mas da civilização e cultura, em que a arte e a poesia encontram as suas condições históricas de existência. Tal fato, no entanto, não nos permite pintar o renascimento como uma época de corrupção e de empobrecimento das bases éticas e cívicas sobre as quais se regem a cultura e a própria vida das nações. Não se poderia deixar de reconhecer a sabedoria e o equilíbrio com que os homens do século XVI se mostraram capazes de absorver os ensinamentos do humanismo, não já para dele fazer matérias de um acontecimento árido e inerte e, sim, para aproveitá-lo como força e impulso de uma cultura nova e materializada de tradições ilustres. E os sinais deste

decadentismo aparecem, visivelmente, na 2.<sup>a</sup> metade do “Cinquecento”, como que prenunciando o declínio da cultura italiana.

Disseram alguns que a culpa deste sintoma caberia ao influxo da Contra-reforma católica e ao freio da inquisição imposta pela Igreja às manifestações do pensamento e da arte. Não nos parece justa tal imputação, pois os sinais do decadentismo podem considerar-se ideal e cronologicamente anteriores à obra de repressão exercitada pela Contra-reforma. É patente que o arrefecimento daquele entusiasmo moral, responsável direto pelas grandes criações artísticas e pelas sistematizações conscientes de um ideal de vida e de cultura serena, cordial e equilibrada, coincide com o lento exaurir-se daquele fervor humanístico que já cumprira a sua missão histórica e já caminhava, por isso, para dar lugar ao aparecimento de outras culturas, expressões de uma humanidade nova, que teria recolhido os frutos da tradição clássica, para usá-la como semente fecunda de uma experiência mais rica e mais elevada. O arrefecimento de espírito na 2.<sup>a</sup> metade do “Cinquecento” espalhou-se em todas as expressões literárias, no conteúdo e no próprio estilo, que se tornou mais grave e mais solene, mais maneiroso e artificial.

Conclui-se destas considerações a existência de duas fases completamente distintas durante os anos de mil e quinhentos. Na primeira viveu Ariosto, na segunda, Tasso.

Assim, na 1.<sup>a</sup> metade do “Cinquecento”, caracterizada por um grande esplendor artístico e literário, pela serenidade e equilíbrio do espírito, está presente Ariosto, com uma vida simples, tranqüilo, sem lutas e interesses políticos, sem imprevistos, sem contradições interiores e, sobretudo, sem paixões civis ou religiosas, vida, que se resumiria em:

“Piuttosto che arrichir voglio quiete.”

Vivendo à sombra do poder da família Estensi, foi Ariosto um homem de corte correto, sem grandes pretensões, preocupado em defender a sua pessoal e egoística liberdade e a cultivar a sua paixão por uma mulher, Alessandra Benucci, e, acima de tudo, o seu amor por aquela que ele considerava

a mais digna atividade do espírito humano: a Poesia. Reflete-se constantemente na sua obra o seu comportamento diante da vida. E muito bem disse Angelo Gianni: "ele não tem uma paixão ética ou política, mas descreve um mundo sereno e idílico, diverso do real, com leis suas próprias, ilha remota, onde chega o homem cansado dos afazeres quotidianos, mas tem sempre o olhar na realidade, nos homens e no mundo, atestando uma serena e cordial aceitação da realidade e da vida, na complexidade e variedade de seus motivos.

"Chi vuole andare a torno, a torno vada:  
Vegga, Inghilterra, Ongheria, Francia e Spagna;  
a me piace abitar la mia contrada."

O homem, na sua obra, é observado por Ariosto com um olhar lúcido e firme, com a mente vazia de preconceitos e de esquemas preconstituídos, e o descreve qual ser livre de conflitos internos de natureza moral, completamente absorto no seu operar terreno, na riqueza e variedade de seus conhecimentos. E vê, enfim, os contrastes, as incoerências e a irracionalidade da vida. Donde se conclui que ele, por esta serena aceitação da vida, pela sabedoria moral, por seu superior equilíbrio, constitui-se, naturalmente, num verdadeiro intérprete da nova humanística cultura do Renascimento.

Fruto deste ideal de poesia é o *Furioso*; poema que se caracteriza como um romance de intrigas e de aventuras, com cenários belicosos e fabulosos, povoado de mulheres e cavaleiros que, em uma extraordinária variedade de acontecimentos, "vivem a vida dos afetos, com um espírito franco e moderno e com aquele vigor e aquela energia que se constituem numa das características mais visíveis da revolução humanística.

Da tradição cavaleiresca vem a matéria do *Furioso*, mas, aqui, ela se enriquece, alarga-se e renova-se, para expressar um mundo de múltiplos e variados afetos. O amor, entre estes sentimentos, aparece dominante: o amor dos sentidos, seja na forma de contemplação cheia de desejo, seja na forma

de incontrollável paixão, seja, ainda, como forma de nobre paixão que inflama o coração e a mente e exalta as virtudes mais elevadas que levam ao sacrifício e à morte e, seja, finalmente, na forma de fidelidade que alcança o heroísmo e vai além da própria morte”.

“Le donne, i cavaller, l’arme, gli amori,  
le cortesie, l’audaci imprese io canto”

Como exemplo desta fidelidade, apresenta-se o episódio de Cloridano e Medoro, dois jovens sarracenos que durante a noite abandonam seus alojamentos e aventuram-se no campo de batalha para procurar o cadáver do seu rei, Dardinello, e sepultá-lo. Acontece, no entanto, a imprevista chegada dos cristãos que incita Cloridano a convidar o amigo a fugir.

— “Frate, bisogna, — Cloridan dicea  
— “Gittar la soma, e dare opra ai calcagni,  
che sarebbe pensier non troppo accorto  
perdere due vivi per salvar un morto.  
E gittò il carico, perchè si pensava  
che ’l suo Meloro il simil far dovesse:  
ma quel meschin, che ’l suo signor più amava  
sopra le spalle sue tutto lo resse.

E quando sorprendido pelos inimigos:

“Il giovinetto si risolve a’ pieghi  
e disse: — Cavallier, per lo tuo Dio  
non esser si crudel, che tu mi nieghi  
ch’io seppelisca il corpo del re mio.  
Non vo’ch’altra pietà per me ti pieghi,  
nè pensi che di vita abbia disio;  
ho tanta di mia vita, e non più, cura  
quanta ch’al mio signor dia sepoltura.”

Com o amor, o culto da amizade, a piedade, a generosidade, a gentileza cavalheiresca, o heroísmo e os sentimentos

a estes opostos ou afins. Em suma todos os diferentes sentimentos do homem, trágicos e cômicos, idílicos e heróicos estão presentes no olhar tranqüilo e penetrante do poeta.

No poema, o mundo do homem, como diz Mario Bales-tresi, “parece observado quase através de um cristal: os acontecimentos múltiplos e variados e contrastantes afetos dos homens, alternam-se e se dispõem em uma ordem racional, desenvolvem-se em exatas proporções com absoluta naturalidade, com a fluência serena de puras imagens de fábulas e tornam-se sensivelmente a imagem da vida como uma unidade resultante de um relacionamento interior. Mesmo porque o poeta tem a mente não nos sentimentos individuais, nos personagens em si, mas na vida como um harmonioso compor-se de motivos, os personagens não têm no Furioso um real destaque, uma psicologia nítida e definida, mas, mais que homens psicologicamente caracterizados, aparecem tipos, figuras que interpretam de quando em quando os motivos de quem compôs a vida, elementos e momentos de uma visão unitária e harmoniosa”.

Se Ariosto reflete, como vimos, por sua sabedoria, por seu equilíbrio, a sua serena aceitação da vida, e a sua fortaleza e sanidade moral, o momento da excelência da cultura renas-centista, justamente no momento em que uma longa e profunda crise sacode e intranquiliza a sociedade italiana, aparece Tasso, um dos mais influentes e sugestivos protagonistas da sua época inquieta, com a qual manteve aqueles constantes relacionamentos de dar e de ter que, “em determinados artistas, pertencentes a épocas mais serenas e estáveis, apresentam efeitos de feliz aceitação, enquanto em outros, destinados a viver em tempos problemáticos, produzem uma intrincada trama de encontros e desencontros.

Tasso não aceita passivamente a crise da sua época, nem os motivos pessimistas e, assim, não se isola em uma esquecida e idílica solidão, no sonho de um mundo sereno, inocente e primitivo, nem se dobra, nem se conforma com uma religião e uma moral impostas pela sociedade.

“Está transcrita poeticamente na obra de Tasso a história de um homem que em nome dos motivos mais válidos da cultura renascentista, resiste individualmente, sobre o plano moral e poético, à involução da sua época.” Por isso, não se poderá entender a sua obra, sem se ter presente o ambiente político, cultural e moral em que viveu o poeta. Até a corte estense estava totalmente mudada, pois, da grandeza passada, conservava somente as aparências exteriores.

Tasso, no entanto, pensava uma obra que, pelo menos, tivesse o êxito do *Furioso* e pudesse até competir com a *Iliada* e a *Eneida*. E, deste propósito, nasce a *Gerusalemme Liberata*, com todos os motivos que interessariam o leitor italiano: o sentimento religioso e o heróico, comum à poesia de todos os tempos.

É preciso, no entanto, declarar que a religião de Tasso é mais exterior que interior, mais afirmada e proclamada que sentida e está muito longe daquela fé, firme e cega, presente na poesia de Dante e Petrarca. Isto, porque o seu mundo era outro, era o dos instintos, das paixões humanas e, sobretudo, do amor. Mas a figura central do poema é Goffredo e o argumento, como já vimos, em toda a obra, é a liberação do santo sepulcro, a vitória sobre os infiéis, o triunfo das armas cristãs.

“Canto l’armi pietosi e ‘l capitano  
che ‘l gran sepolcro liberò di cristo.”

É preciso, no entanto, acrescentar que Tasso tem um cuidado todo especial com os seus personagens, que ocupavam na obra o primeiro posto, mas dedica uma atenção maior e mais espontânea às mulheres, que são cuidadas amorosamente pela fantasia do poeta. É por isso que o argumento fundamental da *Gerusalemme* aparentemente “é a religião, mas, na realidade, é o amor”.

O episódio da fuga de Ermínia, que é pagã, para cuidar de Tancredi, cristão, e do seu refúgio entre os pastores é talvez o mais popular da *Liberata*. Ermínia representa o próprio Tasso, sem pátria e sem família e que vive, porque ama.

"Fuggì tutta la notte e tutto il giorno errò senza consiglio a senza guida, non ordenado e vedando altro d'intorno, che le lagrime sue, che le sue strida."

O pastor, que não é um pastor comum, que descreve a sua vida e diz em que consiste a própria felicidade, foi também um homem de corte, mas entendeu cedo o seu erro e suspirou pela paz perdida. E este particular toca íntima e profundamente a alma do poeta, também ele, errante na procura de uma felicidade inatingível.

E aquele mundo pastoral é o mesmo que sonhava para tranquilizar o seu espírito. O Éden que ele imaginava no íntimo de sua alma e que nunca pôde conquistar.

Sobre a felicidade diz o pastor:

"Che é poco il desiderio, e poco è il nostro bisogno onde la vita si conservi."

Falando de sua vida:

"Tempo già fu, quando più l'uom vaneggia  
ne l'età prima, ch'ebbi altro disio  
e disdegnai di pasturar la greggia,  
e fuggi dal paese a me natio,  
e vissi in Menfi un tempo e ne la reggia  
tra i ministri del re fui posto anch'io;  
e benchè fossi guardian degli orti  
vidi e conobbi pur l'inique corte."

E Erminia, na hora da morte, pede ao pastor somente um pouco de piedade, evocando mais uma vez a alma do poeta.

"... e rivolgendo gli occhi ove sepolta  
giacerà questa spoglia inferma e frale  
tardo premio conceda ai miei martiri  
di poche lacrimette e di sospiri;  
onde se in vita il cor misero fue,  
sia lo spirito in morte almen felice."

Sente-se, perfeitamente, já estar presente em Tasso o Barroco, com sua retórica e sua pompa exterior, mas quando o poeta fala do amor sabe encontrar a olímpica simplicidade e a espontânea inspiração, donde se conclui que este seria o seu verdadeiro mundo, não aquele que desejava cantar. O sentimentalismo é próprio de Tasso, pois, em Ariosto, isto não acontece, visto que o poeta controla a comoção com um sorrisinho que nasce do profundo ceticismo com que completa a história dos feitos humanos. Tasso, vivido num mundo de choro e preocupações futuras, cede, ao contrário, à onda do sentimento e se comove e se entusiasma:

“La mia sfortuna cominciò, quando fui strappato da mia madre e forzato a vivere con mio padre.”

Mas é preciso afirmar também, para reforçar o nosso pensamento, que Tancredi, herói cristão que amava uma mulher pagã, Clorinda, é o símbolo e a encarnação da alma de Tasso “oscilante entre opostos sentimentos, incapaz de tomar, decididamente, uma outra estrada.

“Destas contradições nasce a *Gerusalemme* com seus defeitos e suas virtudes e nestas contradições está o fascínio do verso de Tasso. O seu sentimentalismo domina toda a moderna poesia, porque é sincero.

“O poeta sofre enormemente durante a vida por culpa do seu físico e por causa dos tempos. Conquistou a paz somente alguns dias antes da morte, quando não havia mais condição de gozá-la.

“Era soberbo e convencido de ser um gênio, mas, ao mesmo tempo, foi atormentado por escrúpulos, até tornar-se louco e ser dominado pela mania de perseguição. As suas líricas e cartas revelam esta consciência atormentada e insatisfeita. E a sua melhor poesia, fruto de um parêntesis na agitadíssima vida, exprime a precariedade de uma alma vivida em tempos precários e vítima dos mesmos.”

Julgamos conveniente, neste final, estabelecer um confronto mais direto entre Ariosto e Tasso.

Ariosto é considerado junto a Machiavelli, a Leonardo, a Michelangelo e a Raffaello como um expoente máximo da 1.<sup>a</sup> metade do "Cinquecento", enquanto Tasso representa aquela época de servidão política e de aridez espiritual que ocupa a 2.<sup>a</sup> metade do mesmo século.

Ariosto, em *Orlando Furioso*, satisfaz-se em representar uma vida regulada por uma lei moral simples, baseado sobre a obediência aos impulsos, uma vida possuída com uma esplêndida simplicidade e com uma límpida aderência.

Tasso, ao contrário, concede este mundo louco e materialístico como objeto de uma pura contemplação que está bem longe de satisfazer às altas e espirituais exigências da sua alma, donde nasce aquele sentido de lamentável imperfeição, de insatisfeita humanidade, de doença da alma, com que são representados os velhos temas da tradição romanesca.

Ariosto possui, na descrição e na análise de fatos e personagens, uma tranqüila serenidade, que confere à narração um andamento pacato, largo e uniforme. Ele, graças a este admirável proceder que subtende freqüentemente um destacado e comedido sorriso, conserva a sua independência, observando tudo à distância, do alto, sem comoção, nem entusiasmo.

Tasso, ao contrário, deixa muitas vezes refletir na densa elaboração do poema a sua alma angustiada, que influencia personagens e situações e dá um caráter subjetivo e autobiográfico às suas próprias criações. Por isso, a ironia que em Ariosto aparece largamente e é prova de equilíbrio e de olímpica indiferença, não existe no Tasso que, continuamente, comovido por uma ou outra das suas criações poéticas, perturba-se, extasia-se e entusiasma-se.

O amor, espontâneo e caprichoso do poema de Ariosto, torna-se na Gerusalemme um trágico contraste ao sentido do dever e freqüentemente é o motivo do amor não correspondido que caracteriza figuras belíssimas de amantes, como a de Erminia, de Olinto e de Tancredi.

A natureza observada e amada placidamente por Ariosto, é, no *Furioso*, composta no equilíbrio de uma serenidade lumi-

nosa e tranqüila. Na *Gerusalemme*, ao contrário, as visões naturalísticas estão cheias do mesmo langor elegíaco que atormenta a alma do poeta e não concede trégua ao infeliz que nela procura uma solução para os seus próprios contrastes interiores.

Os dois poemas, à parte as nítidas diferenças de estrutura e de estilo, inspiram-se, também, em diferentes concepções artísticas. *Orlando Furioso* é obra sobretudo de fantasia, enquanto a *Gerusalemme* é histórica, embora prenhe do mais puro sentimentalismo do coração angustiado do poeta.

Ariosto espelha naquele seu considerar à distância, objetivamente, as misérias humanas, naquela sua melancólica ironia o ideal harmonioso do Renascimento. Tasso, na sua dor, na sua inconsolável tristeza, evoca o espírito da Contra-reforma, esta muito mais perto de nós e pode considerar-se já um pré-romântico, não só na arte, como também na vida.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1. CURI, Egidio — *Storia della letteratura italiana*. Bologna, Zanichelli, 1971. v.2
2. DONADONI, Eugenio — *Breve storia della letteratura italiana*. Milano, Ed. Milano, 1964
3. FRORA, Francesco — *Pagine di scrittori italiani* Perugia, Grafica Stabilimento per le Arti Grafiche, 1962.
4. *Storia della letteratura italiana*. Milano, Arnoldo Mondadori, 1940 v2
5. GIANNI, Angelo — *Antologia della letteratura italiana*. Firenze, G. d'Anna — Messina, 1971.
6. MOMIGLIANO, Attilio — *Storia della letteratura*. Milano, Giuseppe Principato, 1971.
7. MORPURGO, Giuseppe — *Antologia italiana*. Verona, Scolastiche Mondadori, 1967.
8. NARDI, Piero — *La Gerusalemme liberata*. Verona, Scolastiche Mondadori, 1968.
9. *Orlando Furioso*. Verona, Scolastiche Mondadori, 1970.
10. SAPEGNO, Natalino — *Compendio di storia della letteratura italiana*. Firenze, La Nuova Italia, 1970. v.2
11. TOFFANIN, Giuseppe — *Il cinquecento*. Milano, Ed. Dr. Francesco Vallardi, 1960.